

**DE TRAVA PRA TRAVA: Desafios e vivências de Travestys na sociedade cisnormativa.
ODS 5.c**

Alice De Biasi Picarone (Universidade de Taubaté)
Elisa Maria Andrade Brisola (Universidade de Taubaté)

Introdução

A cisgeneridade busca, por meio dessas indagações, compreender (e talvez entender) a origem das Travestys. Essas curiosidades partem, em primeira instância, de um recorte biológico, o qual define as categorias “homem-pênis” e “mulher-vagina”, mas, para além disso, do que foi (e permanece) imposto socialmente, o que chamarei de “caixinha do gênero”, um presente desagradável (e não solicitado) que se recebe, querendo ou não, quando um gênero é atribuído a um bebê.

Essa norma, essa cisnorma, acomete a todas as pessoas, tanto cis quanto Trans, desde o momento em que somos nomeadas/es/os com base em um órgão que dirá ao outro como se referir a um recém-sujeito. A partir disso, também refém da cisnormatividade, reduz-se o olhar sob um corpo, generificando-o e impondo tudo o que se será (ou não) ao longo da vida. A partir de um órgão é que se determina qual “caixinha do gênero” será atribuída a um bebê. Tendo isso em vista, a cisnormatividade pode impactar a vida das Travestys? Essa é a pergunta norteadora dessa pesquisa. Dessa forma, a pergunta norteadora dessa pesquisa terá mais possibilidades de colher frutos interessantes, respeitando vivências, singularidades e, principalmente, possibilitando um fazer científico ético ao, justamente, não conduzir as entrevistadas a alguma resposta. Assim, o objetivo geral dessa pesquisa em andamento é de avaliar o impacto da cisnormatividade na vida de Travestys de uma cidade do Vale do Paraíba (SP). Como objetivos específicos, tem-se: Conhecer a trajetória de vida das Travestys; identificar em que aspectos a cisnormatividade pode impactar a vida de Travestys e analisar a percepção das Travestys sobre a cisnormatividade. Tais objetivos são baseados na metodologia de História Oral, ou seja, é importante que se conheça a trajetória das entrevistadas, que sejam identificados os

possíveis aspectos que a cisnorma pode impactar em suas vidas e, por fim, analisar a percepção das participantes sobre a cisnormatividade.

Revisão da Literatura

Se os subalternos não podem falar (Spivak, 2010 [1985]), de que forma, então, Travestys subalternizadas podem falar? (Preciado, 2020). Aponto as travestilidades como corpos subalternizados, pois as transidentidades são sistematicamente negligenciadas (Medrado; Malfrán, 2025) e com finalidades específicas de apagamento, negação de existência. Afinal, a cisnorma age com imposições em múltiplos âmbitos, reforçando violências institucionais e socioculturais que determinam a cisgeneridade como o correto, o normal, o natural, o verdadeiro (Vergueiro, 2015; Nascimento, 2021). Ilusoriamente, a cisgeneridade aceita essa titulação, denominam-se como os naturais, normais, enquanto Travestys são as Outras das Outras das Outras, mas seria relevante que pessoas cis tivessem a ciência que a cisnormatividade impera, também, sobre seus corpos, ou seja, homens e mulheres cis têm seus corpos generificados por imposições e expectativas de gênero (Picarone, 2024).

Por mais que cada corpo passe inevitavelmente pelo processo de cisnormativização, nem todas as corporeidades são vistas da mesma forma, afinal, alguns corpos são mais corpos que os outros (Orwell, 2007). É importante, então, que se proponha uma pesquisa de como essa norma, essa cisnorma, pode impactar na vida das Travestys. A intenção, ressalto, não é de interrogá-las, partindo de uma lógica da ciência típica em que a/e/o entrevistadora/e/r sabe de algo e quer investigar, a partir de suas fundamentações, a vida de outra pessoa. Não! Fujo do lugar de Sujeita Suposto Saber, busco uma forma outra no ato de pesquisar, que é a de troca, uma política articulatória (Favero, 2020), uma alforria do objeto de estudo. Para isso, inclusive, que a metodologia usada é a de História Oral, pois quando for a campo, serão as participantes que terão as informações a serem, gentilmente, comigo compartilhadas (Portelli, 1997), aprendendo com as que não foram permitidas ensinar (Preciado, 2020).

Método

Para alcançar os objetivos da presente pesquisa, foi observada a necessidade de se realizar diálogos, conversas, coleta de saberes vivenciais, ou, em linguagem acadêmica, entrevistas, as quais serão realizadas a partir da Metodologia da História Oral. Essa metodologia, de acordo com Portelli (1997, p.15) “Embora diga respeito [...] a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma.” Para realização dessa pesquisa serão convidadas a participar seis (6) Travestys moradoras de uma cidade do Vale do Paraíba (SP), a escolha das participantes e o número específico de entrevistadas se deu, pois diz respeito ao número de Travestys que a pesquisadora teria acesso para a realização da pesquisa, partindo do pressuposto que a Travesty-pesquisadora conhece não muito mais que 10 Travestys no local que serão realizadas as entrevistas. A busca será feita pelo método de Bola de Neve. Por envolver seres humanos para a coleta de dados, a pesquisa será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), que tem a finalidade maior de defender os interesses das participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo assim para o desenvolvimento da investigação conforme padrões éticos.

Para a análise de dados, será utilizada a técnica de triangulação, a qual: “consiste numa estratégia de pesquisa que se apoia em métodos científicos testados e consagrados, adequando-se a determinadas realidades, com fundamentos interdisciplinares.” (Minayo et al., 2010, p. 71).

Resultados Esperados

Espera-se que, a partir dos dados coletados, seja possível verificar o impacto da cisnormatividade na vida de Travestys de uma cidade do Vale do Paraíba (SP). A partir disso, possibilitar futuros estudos do impacto da cisnormatividade em outros corpos gênero-diverso e de outras localidades. Por fim, espera-se ainda que os achados da pesquisa sejam socializados em eventos e periódicos científicos, a fim de disseminar a pesquisa que será feita e auxiliar numa construção de saberes trans.

Considerações finais

Mediante à pergunta-problema, hipóteses passam a surgir como respostas possíveis. A cisnormatividade impacta de forma significativa a vida das Travestys, influenciando suas experiências sociais, afetivas e de acesso a direitos . Entretanto, também há a possibilidade de a cisnorma não ser um algo que afete a vida das Travestys, mas, sim, um dos elementos mediante a questões outras, como recortes sociais, raciais, geopolíticos, de orientação sexual. Assim, é devido a essas hipóteses que o objetivo dessa pesquisa utiliza como verbo principal o “avaliar”, a fim de checar, com base nas entrevistas que serão feitas, o impacto da cisnormatividade na vida de Travestys de uma cidade do Vale do Paraíba (SP). Assim, a partir do conteúdo coletado e futuramente analisado, espera-se que possíveis respostas, ou mais perguntas, surjam.

Referências

- FAVERO, S. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 1–22, 2020.
- MEDRADO, A; MALFRÁN, Y. O nojo como arma na guerra colonial contra existências trans. **Trivium - Estudos Interdisciplinares**, [S. l.], v. 1, n. no.esp., 2025.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- NASCIMENTO, L. C. P. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- PICARONE, A.D.B. Uma crítica à pCIScologia. In: CASTRO, P. F.; OLIVEIRA, A.O. (Orgs). **Psicologia: reflexões e ações**. Taubaté: EdUNITAU, 2024, v.4, p. 353-367.
- PORTELLI, A. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade in **Revista Projeto História** nº 14, fev.1997. p. 1-279. EDUC. São Paulo.
- PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- ORWELL, G. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- PORTELLI, A. Forma e Significação na História Oral. A Pesquisa como um Experimento em Igualdade. **Projeto História**. V. 14, n. 1, 2007.
- SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG (2010 [1985]).
- VERGUEIRO, V. **Por Inflexões Decoloniais de Corpos e Identidades de Gênero Inconformes: Uma Análise Autoetnográfica da Cisgeneridade como Normatividade**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.